



nº 372

Edições às Segundas e Quintas

ICadeia Petroquímica e do Plástico, Economia e Política, Sustentabilidade, América Latina e Mundo • 23 de Julho de 2009 • Ano 4

Cadeia Produtiva

Exportação de resinas

A estratégia das petroquímicas brasileiras de buscarem novos mercados no exterior para suas resinas termoplásticas, como polietilenos e polipropileno, surtiu resultados expressivos, no primeiro semestre. Além de praticamente dobrarem o volume exportado no período, em relação a 2008, as companhias brasileiras reforçaram, neste ano, a indicação de que podem fazer frente aos fabricantes do Oriente Médio, Europa e América do Norte. Para tanto, estreitaram o relacionamento com os clientes e, em muitos casos, reduziram os preços de seus produtos. O resultado da adoção dessa proposta foi o aumento das vendas para mercados atrativos, como o chinês, a despeito da maior concorrência global no setor. Entre janeiro e junho deste ano, as exportações brasileiras de resinas termoplásticas somaram 837,3 mil toneladas, uma expansão de 90,1%, em relação ao total vendido, em igual intervalo do ano passado. O volume de seis meses também foi praticamente o mesmo (92,7%), de todo o ano de 2008, quando a indústria brasileira exportou 903,6 mil toneladas de resina, segundo números da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim). Esses dados consideram todas as resinas termoplásticas produzidas no Brasil, incluindo o PET, e confrontam números do ano passado, quando o real valorizado, reduzia a competitividade dos itens exportados do Brasil, com a cotação do primeiro semestre de 2009, mais favorável aos exportadores. Informou a Agência Estado.

Negócios para o Plástico

Plásticos nos automóveis

Com o acordo fechado para suprir compostos de polipropileno (PP) para o painel de instrumentos do compacto New Fit, a Dow Automotiva tornou-se a única fornecedora do material para essa peça na subsidiária brasileira da Honda. Afinal, desde 2007 também saem da planta de ativação da Dow na zona Norte paulistana os compostos de PP destinados ao New Civic. Roberto Katsuda, supervisor de compras da Honda Automóveis do Brasil, explica que, em sua sede em Campinas (SP), a montadora também exerce atividades de transformadoras de plástico. "Dispomos de quatro injetoras, uma 3.000 toneladas e as demais de 800 toneladas, destinadas à produção interna de pára-choques e painéis de instrumentos por razões logísticas, de controle de qualidade e tecnologia", ele esclarece. As pequenas e médias peças injetadas são fornecidas por transformadores homologados. O supervisor atribui o uso de PP no setor automotivo à sua aptidão para moldar peças complexas, leveza proporcionada ao veículo e ao bom desempenho na texturização. Na calculadora de Katsuda, PP comparece em 46 quilos dos 57 quilos de plástico que cada unidade do New Fit leva. Já no New Civic, o PP representa 43 quilos dos 58 quilos de plásticos. Informou a Plásticos em Revista (edição junho).

Movimentos da Indústria

Indústria brasileira quer ação contra Argentina

A indústria brasileira pediu ao governo que inicie um painel contra a Argentina na Organização Mundial do Comércio (OMC) por causa das barreiras burocráticas às exportações brasileiras. O pedido ocorreu na véspera da reunião do Mercosul, que começa hoje (23) em Assunção, no Paraguai. O clima entre os dois países é de conflito. A ministra da Produção da Argentina, Debora Giorgi, disse ontem (22) que continuará com medidas protecionistas para impedir "avalanches" de importados brasileiros e chineses. "Não há restrições às importações, somente regulamentações contra a concorrência desleal", disse Giorgi. "São mecanismos naturais de defesa, que cumprem com as normas da OMC." A Argentina adotou licenças não automáticas de importação para uma série de produtos brasileiros. O instrumento é legalizado pela OMC, mas o prazo de liberação é de 60 dias. Segundo o setor privado do Brasil, o governo argentino tem demorado o dobro do tempo. Em documento enviado ao governo, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) diz que o modelo de negociar com empresários as restrições às vendas para a Argentina está "esgotado". Segundo Lúcia Maduro, consultora da CNI, a crise é grave e a inclusão de muitos produtos tornou o sistema inoperante. Os empresários reclamam que os argentinos não têm interesse na negociação e mesmo acordos já selados não são respeitados. As barreiras atingem 13,5% das exportações do Brasil e provocam desvios de comércio a favor da China. Segundo a CNI, a participação do Brasil caiu de 42% para 31,5% de janeiro a abril, em relação ao mesmo período de 2008, nas importações argentinas sujeitas a licenças não automáticas. No entanto, a fatia da China subiu de 21,5% para 30,5%. A CNI aponta dois caminhos: retaliar a Argentina com licenças ou recorrer à OMC. Mas a entidade prefere a segunda alternativa porque teme que as licenças prejudiquem o fornecimento de peças para o Brasil. Informou O Estado de S. Paulo.

Sinproquim lança programa de melhoria para pequena e média empresa

O Sindicato das Indústrias de Produtos Químicos para Fins Industriais e da Petroquímica de São Paulo (Sinproquim) lançou o Programa Preparar, com o objetivo de promover melhorias em questões ligadas à segurança, saúde, qualidade e meio ambiente, para pequenas e médias empresas, dos setores químico e petroquímico. O programa parte de uma avaliação em termos de cumprimento das normas ambientais, de segurança no processo produtivo, sobre a questão da saúde dos colaboradores e procedimentos de gerenciamento e da qualidade dos produtos. A partir daí, inicia-se o processo, que dará suporte às ações de melhoria a serem implantadas. O Preparar tem ainda, o objetivo de dar suporte às empresas para melhorar sua eficiência na gestão empresarial, aumentar os canais de comunicação do setor, ajudar a evitar perdas ou danos e garantir ganhos econômicos de maneira sustentável. O Preparar foi desenvolvido com base no programa Atuação Responsável, da Abiquim, que atende às grandes empresas do segmento nesse tipo de adequação e hoje é reconhecido no Brasil e no mundo. O Sinproquim, em parceria com a Abiquim, adaptou os conceitos deste programa à realidade estrutural e econômica das pequenas e médias empresas. O sindicato está mobilizando várias frentes para convidar as empresas a fazerem parte do Projeto Piloto do Preparar, sem qualquer custo, na fase inicial, já que na fase piloto, as empresas receberão todo o suporte do Sindicato e o apoio dos técnicos da Abiquim. Quando o programa for colocado em prática, será oferecido um custo acessível, de acordo com o perfil deste público-alvo. Informou o Portal Fator Brasil.

SIRESP
Sindicato da Indústria de Resinas Plásticas



leia

boletim informativo do Siresp

Sustentabilidade

Cargill quer produzir bioplásticos no Brasil

A filial brasileira da norte-americana Cargill analisa a possibilidade de produzir bioplásticos, de acordo com informação do diretor da empresa, Marcelo Andrade. Segundo ele, no momento a empresa está avaliando a demanda mundial pós-crise e a demanda local de bioplásticos, mas destacou que a decisão definitiva vai depender da Cargill USA. Ainda segundo o executivo, a unidade brasileira tem a estrutura necessária para a produção do bioplástico a preço competitivo, já que tem disponibilidade de insumo e conta com a planta de ácido cítrico, em Uberlândia. Ele observa que o processo de produção do ácido cítrico é similar ao do ácido láctico, insumo para o biopolímero. A filial brasileira da Cargill começou, recentemente, a distribuir, no país, o bioplástico Ingeo, da companhia americana NatureWorks. Marcelo Andrade explicou que o "Ingeo é um poliéster, derivado do ácido láctico, um produto vegetal e biodegradável. Ainda segundo o executivo, a "Cargill quer aumentar sua participação do mercado dos bioplásticos, na América do Sul e, a partir daí, atender às necessidades de seus clientes que procuram produtos e processos sustentáveis". A NatureWorks - que teve parte do controle comprado pela Cargill - tem uma planta na cidade americana de Blair (Nebraska), que produz 140.000 toneladas/ano do biopolímero. Informou o BN Américas.

País importa R\$ 1 bilhão ao ano de sucata de PET

O Brasil vive a situação de ter mais capacidade para reciclar do que sucata disponível, com uma indústria de reciclagem forte, mas uma coleta de lixo seletiva ineficiente. No caso da resina PET, a reciclagem movimentou R\$ 1 bilhão ao ano, segundo a Associação Brasileira da Indústria do PET (Abipet), número que poderia ser maior caso houvesse mais matéria-prima disponível. A falta de sucata abre espaço para a importação ilegal de lixo, diz Auri Marçon, presidente da Abipet. No Brasil só é permitida a importação de rejeitos de PET resultante de sobras da indústria, mesmo assim com uma autorização especial. Os números de importação, no entanto, são grandes e crescentes. Segundo a entidade, foram importadas 14 mil toneladas de PET em 2008, um crescimento de 75% em relação às 8 mil toneladas compradas do exterior em 2007. Para o presidente da Abipet, essa é uma situação preocupante, pois o número é muito alto para ser apenas rejeito industrial. "Como não temos uma fiscalização forte sobre o que entra no Brasil, principalmente na fronteira do Mercosul, acredito que grande parte do que é importado de sucata de PET vem de descarte doméstico, ou seja, é lixo", diz ele. Segundo Marçon, como as empresas recicladoras compram a sucata de terceiros, é difícil manter o controle sobre a procedência do produto. O inverno é justamente o período onde há mais falta de PET para reciclar no Brasil. Além do consumo de bebidas ser menor do que no verão, o tempo também influencia o ritmo da coleta seletiva. Como a maior parte da coleta no país é informal, o frio espanta os catadores de sucata da rua, o que reduz o volume de garrafas separadas do lixo comum. Informou o Valor Econômico.

Grife coloca cueca de PET no mercado

A D'uomo, gigante brasileira das cuecas, vai pôr no mercado um modelo verde, feito de garrafa PET, reciclada. A empresa garante que, além de ecologicamente correta, será confortável. Informou o Anselmo Góis, do O Globo.

Política e Economia

Juros caem para 8,75% e devem ser mantidos

Em decisão unânime, os diretores do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central aprovaram ontem (22) uma redução dos juros básicos da economia (Selic) em 0,50 ponto porcentual, de 9,25% para 8,75% ao ano. Desde o início de afrouxamento monetário, em janeiro, o BC já cortou a taxa em cinco pontos porcentuais. Para os economistas, os juros deverão se manter estáveis até o fim do ano. Para a indústria e comércio, a queda ainda é pequena. Para a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) a ação do BC foi positiva, mas a entidade cobrou uma queda mais rápida para que a Selic chegue aos 7% ao ano. O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Armando Monteiro Neto, avaliou que o corte poderia ter sido maior. Em nota divulgada pela assessoria da CNI, Monteiro Neto disse que "a redução no ritmo de abrandamento da política monetária é prematura e equivocada". Já o presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Abram Szajman, disse saber que a possibilidade de novos cortes é muito reduzida, mas considera que o momento agora é de pressionar pela redução dos juros ao consumidor. Informaram o Jornal do Commercio e o Portal G1.

País deve ter 1º déficit com EUA em 10 anos

O Brasil deve terminar 2009 com déficit nas relações comerciais com os Estados Unidos, após nove anos seguidos de superávit. Segundo especialistas, a mudança é reflexo da dependência das commodities nas exportações brasileiras e da crise na economia americana - a pior em mais de 70 anos. No primeiro semestre, os EUA venderam US\$ 2,5 bilhões a mais do que compraram do Brasil, que passou a ser a sexta maior fonte de superávit na balança comercial americana. Apesar de o dado negativo com os EUA não ter impedido o Brasil de acumular um superávit de US\$ 14 bilhões nas suas relações comerciais nos seis primeiros meses deste ano, o resultado tem um valor simbólico, já que se trata do maior importador mundial (e que acumula déficits gigantescos há anos; foram US\$ 696 bilhões em 2008, ou 44% do PIB brasileiro) e, tradicionalmente, o maior comprador do Brasil. A alteração nas relações comerciais não ocorreu porque os EUA passaram a vender mais para o País - foram as exportações brasileiras que tiveram queda maior que as importações. As vendas para os EUA recuaram 44%, e as compras, 14% (sempre comparando o primeiro semestre deste ano com o mesmo período de 2008). Com essa queda, os EUA perderam para a China o status de maior comprador do Brasil. A participação da China saltou de 8,3% em 2008 para 15% nos seis primeiros meses deste ano. Informou a Folha de S. Paulo.

Minc afirma que Brasil não será a lata de lixo do planeta

O ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, informou que técnicos da pasta e do Itamaraty discutiram, ontem (22), o envio de lixo da Inglaterra para o Brasil e que hoje, será divulgado um comunicado sobre o assunto. Segundo ele, o Brasil não será a lata de lixo do planeta: "vamos multar, vamos mandar de volta e cobrar responsabilidade de países, que têm um discurso ambiental avançadíssimo e enviam seu lixo químico para países em desenvolvimento". De acordo com o ministro, a Inglaterra já informou que vai criar normas internas rigorosas, para não permitir que lá tenham um discurso ecológico e enterrem o lixo deles, exatamente nos países que têm menos condições financeiras e tecnológicas de tratar. Informou a Agência Brasil.

América Latina

Crescimento peruano

A economia peruana expandiu 0,9% no primeiro semestre de 2009, anunciou o governo. O PIB peruano deve fechar o ano com expansão de 2,5% a 3% e, em 2010, crescer até 6%, segundo estimativas oficiais. O governo está recorrendo aos três anos de superávit fiscal para financiar um plano de incentivo econômico de US\$ 3 bilhões, uma vez que os investimentos privados estão diminuindo. Informou o Valor Econômico.

Mercosul aposta na ampliação da moeda local em transações

As transações comerciais entre o Brasil e os países da América do Sul por meio do Sistema de Moeda Local (SML), que elimina o dólar das relações comerciais, será um dos principais temas apresentados pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva durante o encontro da Cúpula do Mercosul que acontece em Assunção, entre hoje (23) e amanhã (24). O presidente paraguaio, Fernando Lugo afirmou que o tema será discutido entre os presidentes dos países que compõem o Mercosul, e que estes analisarão a possibilidade de empregar moedas locais no intercâmbio comercial. O SML entre o Brasil e a Argentina está em operação desde outubro de 2008, mas até agora sua participação no comércio total é muito baixa, informou Ivan Ramalho, secretário-geral do Ministério do Planejamento. As operações por meio do SML representam somente 1,25% de toda negociação entre os países. Segundo o Banco Central brasileiro o comércio pelo sistema apresenta vantagem para o Brasil, quadro inverso do apresentado na balança comercial. Entre janeiro e junho deste ano foram exportados R\$ 122.5 milhões contra compra de R\$ 1.2 milhão. "Em um marco adverso, dado o impacto negativo da crise internacional no comércio bilateral, a utilização do SML registrou um crescimento constante, no qual se destaca a participação das pequenas e médias empresas", ressaltou Cassano. Informou o DCI.



Mundo

China vira máquina de comprar empresas

Tudo indica que a China corporativa tem intenção de comprar o mundo. Apenas em junho e julho, companhias chinesas que vão da refinaria de petróleo Sinopec à montadora Beijing Automotive e à gigante das ferramentas Haier investiram ou mostraram intenção em investir em campos de petróleo no Iraque, nos negócios da Opel, da General Motors (GM), na Alemanha, numa sofisticada fabricante de equipamentos da Nova Zelândia e numa loja de departamentos do Japão. As somas envolvidas vão de pouca coisa (US\$ 50 milhões por participação de 20% da Haier na Nova Zelândia) a muita coisa, pelo menos dentro dos padrões chineses: a Sinopec pagou mais de US\$ 7 bilhões por uma companhia da Suíça. Rumores de uma proposta pela YPF-Repsol, a produtora de petróleo na Argentina controlada pelos Espanhóis, mencionam o dobro disso. O estoque total de investimentos externos da China, de US\$ 170 bilhões, representa apenas um trigésimo do capital que os Estados Unidos gastaram em fábricas estrangeiras, imóveis e outros ativos. Mas os chineses definitivamente estão colocando em movimento sua máquina de fazer negócios. Informou a Business Week.

Brasil é o 4º preferido das multinacionais

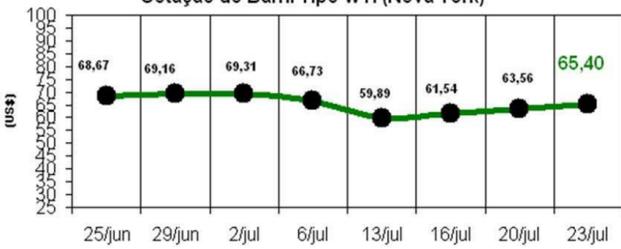
Multinacionais apontam o Brasil como o quarto destino preferido para investimentos nos próximos dois anos, segundo uma pesquisa da Conferência das Nações Unidas (ONU) para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad). A entidade também apurou que haverá queda de 50% no fluxo de investimentos no mundo em 2009, leve retomada em 2010 e recuperação "substancial" em 2011. Os países do BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China) ocupam quatro dos cinco primeiros lugares entre os preferidos dos investidores. A pesquisa ouviu mais de 240 multinacionais. A liderança na preferência das múltis é a China, com 56%, seguida pelos Estados Unidos (48%). A quebra de empresas americanas atrairá investidores até de países emergentes, por causa do baixo preço. O mercado interno, a desvalorização do dólar e a perspectiva de que o país saia da crise antes da Europa e do Japão também contribuem para atrair investimentos. A terceira posição entre os principais destinos é da Índia. Pelo levantamento, o Brasil passou da quinta posição em 2008 para a quarta posição. Foi citado por 25% dos entrevistados. Essa posição decorre do maior interesse pelo mercado brasileiro e da queda da atratividade da Rússia, que até 2008 ocupava a quarta posição no ranking. Este ano, a Rússia caiu para a quinta posição. Informaram O Estado de S. Paulo e o Jornal do Comercio.

Cotação

Preço do petróleo cai em Nova York e sobe em Londres

As cotações dos contratos futuros de petróleo fecharam em trajetórias divergentes ontem (22). O contrato mais líquido em Nova York caiu, mas os demais vencimentos mantiveram a trajetória de alta sustentada nos últimos seis dias. O contrato de WTI negociado para o mês de setembro em Nova York fechou a US\$ 65,40, com queda de US\$ 0,21. O vencimento para o mês seguinte subiu US\$ 0,07, para US\$ 67,07. Em Londres, o barril de Brent para setembro ganhou US\$ 0,34, para US\$ 67,21. O contrato para outubro encerrou valendo US\$ 67,94, com valorização de US\$ 0,39. Informaram agências internacionais.

Cotação do Barril Tipo WTI (Nova York)



Cotação do Barril Tipo Brent (Londres)



Agenda

Cidades do ABC debatem coleta seletiva de lixo

Gestores públicos, universitários, Organizações Não-Governamentais (ONGs) e interessados no tema coleta seletiva têm encontro marcado nos próximos dias hoje (23) e amanhã (24) no Consórcio Intermunicipal Grande ABC. Prefeitos e secretários de Meio Ambiente debaterão o fomento à construção de políticas públicas de resíduos sólidos recicláveis com inclusão de catadores; o fortalecimento dos catadores como sujeitos sociais para o trabalho associativo, a autogestão e comercialização em rede; a socialização dos conhecimentos e encaminhamento de ações coletivas, entre outros. A organização do "Seminário de Políticas Públicas: Inclusão de Catadores, Diálogos e Perspectivas", que será realizado no auditório do Consórcio, é do Conselho Gestor do Projeto Coleta Seletiva Brasil-Canadá, que tem suas atividades hospedadas no Consórcio, fruto de um convênio entre a Faculdade de Educação da USP e a University of Victoria do Canadá, com fundos da CIDA - Canadian International Development Agency. Mais informações acesse: <http://www.agenciagabc.com.br/noticias.asp?id=1582&classificacao=1&rel=1581> ou envie um e-mail para: projetoBrasilcanada@gmail.com.

Tendências de cores embalagens plásticas

A Cromex, que produz masterbatches de cores e aditivos para plásticos, vai mostrar todas as possibilidades que os plásticos oferecem ao setor de embalagens e as tendências mundiais de cores para que os produtos se diferenciem entre tantos na prateleira e tenham uma identificação com o consumidor. Anderson Maia, gestor de Produtos da Cromex, fará duas apresentações sobre o assunto durante o "Curso de atualização em embalagens de A a Z", que será realizado pelo Instituto de Embalagens. O curso, que vai desde a introdução ao universo das embalagens, passando pelas tendências e inovações, até o processo de transformação. Segundo Maia, assim como a moda segue tendências de cores, no segmento de embalagens não é diferente. "Conforme a mensagem que se pretende transmitir ao consumidor, a embalagem deve ter determinadas características de formato, cor e textura", explica o profissional. O Curso de Atualização de Embalagens acontecerá no Auditório Abiplast, na av. Paulista, 2439, 8º andar, São Paulo e as palestras de Anderson Maia serão realizadas hoje (23), às 19:30h e dia 28, às 11h. Informações: <http://www.institutodeembalagens.com.br/curso1.html> ou pelo telefone (11) 2854-7770.

O Leia! segue as normas da Nova Ortografia dos países de língua portuguesa.

Expediente

O Leia! é produzido com base em leituras de jornais, revistas, agências e sites de notícias, boletins corporativos dos principais setores ligados à petroquímica, reuniões e eventos realizados na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

Comitê editorial

Presidente: Vitor Mallmann
Rosana Paulis e Eduardo Sene - Assuntos Fiesp/Siresp
Marcio Freitas - Editor
Isabela Barbosa - Redação
David Freitas - Diretor de arte
Roberta Provatti - Jornalista responsável - MTB-24197/SP

Acesse nosso site
Clique aqui
www.siresp.org.br

SIRESP
Sindicato da Indústria de Resinas Plásticas